

BRENNAND DE SOUSA BANDEIRA, ZULMIRA BOMFIM E JOSE ALBIO SALES

Reabilitação de espaço urbano e Afetividade: estudo
de Psicologia Ambiental com moradores de área
contemplada pelo Plano de Reabilitação Habitacional do
centro histórico de Fortaleza-CE

The rehabilitation of urban space and Affectivity: an Environmental Psychology

Reabilitação de espaço urbano e Afetividade: estudo de Psicologia Ambiental com moradores de área contemplada pelo Plano de Reabilitação Habitacional do centro histórico de Fortaleza-CE

The rehabilitation of urban space and Affectivity: an Environmental Psychology study about residents of the area covered by the Housing Rehabilitation Plan of the historic center in Fortaleza-CE

Brennand de Sousa Bandeira possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Projeto, atuando principalmente nos seguintes temas: crônicas, arquitetura, história e patrimônio cultural.

Zulmira Bomfim possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, mestrado em Psicologia Social e da Personalidade pela Universidade de Brasília e doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É especialista em intervenção sócio-ambiental e pesquisadora em Espaço Público e Regeneração Urbana pela Universidade de Barcelona. Atualmente é professora da Universidade Federal do Ceará, onde coordena o Laboratório de Pesquisa em Psicologia ambiental - LOCUS.

Jose Albio Sales é Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco, tendo feito estágio de pós-doutorado em Ciências da Educação na Universidade do Porto, em Portugal. É Mestre em Desenvolvimento Urbano e Regional pela Universidade Federal de Pernambuco e graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é Professor da Universidade Estadual do Ceará.

Brennand de Sousa Bandeira graduated in Architecture and Urbanism from the Federal University of Ceará and has a Master's Degree in Psychology from the same university. He is experienced in Architecture and Urbanism, with an emphasis on design, and has mainly worked in the following areas: archives, architecture, history and cultural heritage.

Zulmira Bomfim has a degree in Psychology from the Federal University of Ceará, a Master's Degree in Social and Personality Psychology from the University of Brasília and a PhD in Psychology from the Pontifical Catholic University of São Paulo. She's an expert in socio-environmental intervention and a researcher in Public Space and Urban Regeneration through the University of Barcelona. She is currently a professor at the Federal University of Ceará, where she coordinates the Environmental Psychology Research Laboratory (LOCUS).

José Albio Sales has a PhD in History from the Federal University of Pernambuco and did a post-doctoral internship in Educational Sciences at the University of Porto in Portugal. He holds a Master's Degree in Urban and Regional Development from the Federal University of Pernambuco and graduated in Architecture and Urbanism from the Federal University of Ceará. He is currently a professor at the State University of Ceará.

Resumo

Este artigo aborda a Afetividade em área de reabilitação de espaço urbano tomando como referência os sentimentos e emoções dos moradores do Centro Histórico de Fortaleza-CE que habitam no entorno do Riacho Pajeú. Os dados adotados neste estudo foram coletados no banco de dados da investigação intitulada “Estudo da Afetividade dos moradores do Centro de Fortaleza-CE frente ao Plano de Reabilitação Habitacional da Área Central”. Numa perspectiva interdisciplinar, iniciamos discutindo os conceitos de intervenção urbana para área central de Fortaleza-CE contidos nos planos Saboya Ribeiro (1947), Hélio Modesto (1963) e no Plano de Reabilitação Habitacional da Área Central (2009). Em seguida, na perspectiva da Psicologia Ambiental, trabalhamos com os conceitos de Afetividade e apropriação do espaço. Tais constructos elaborados pela Psicologia Social e Psicologia Ambiental, respectivamente, nos forneceram os elementos para compreensão dos processos de construção dos significados que resultam da relação pessoa x ambiente. As ideias de renovação da área central da capital cearense começaram a surgir em meados da década de 60 quando verdadeiramente os fenômenos de expansão e desordenamento urbanos prenunciavam a explosão de sua estrutura sociourbana das décadas seguintes. A coleta e análise de dados tiveram por base os instrumentos geradores dos Mapas Afetivos, um método estabelecido por Bomfim (2010) que possibilitou a apreensão dos afetos dos sujeitos investigados em sua relação cotidiana com o ambiente urbano. Os resultados do estudo interação pessoa x ambiente, com enfoque da Afetividade, apresentaram questões relacionadas aos afetos (sentimentos e emoções) dos moradores do entorno do Riacho Pajeú que apontam para a necessidade de investigações interdisciplinares que incluam a Psicologia Ambiental, especialmente na fase de diagnóstico do planejamento urbano.

Palavras-chave: Urbanismo. Psicologia Ambiental. Interdisciplinaridade. Afetividade.

Abstract

This article deals with Affectivity and the rehabilitation of urban space, based on the feelings and emotions of residents from the Historic Center of Fortaleza, Ceará, who live in the vicinity of the Riacho Pajeú (a creek). The data used in this study was gathered from a database for the research entitled “Affectivity study of residents from Downtown Fortaleza in relation to the Housing Rehabilitation Plan for the Downtown Area”. From an interdisciplinary perspective, we started off by discussing urban intervention concepts for the downtown area of Fortaleza contained in the Saboya Ribeiro plan (1947), the Hélio Modesto plan (1963) and the Housing Rehabilitation Plan for the Downtown Area (2009). Then, from the standpoint of Environmental Psychology, we worked with the concepts of Affectivity and appropriation of space. These constructs, developed by Social Psychology and Environmental Psychology, respectively, supplied us with the elements to understand the construction processes for the meanings resulting from the person-environment relationship. Ideas to renovate the downtown area of Fortaleza began to emerge in the mid 1960s when the phenomena of urban expansion and disorder literally foreshadowed the explosion of the city’s social and urban structure in the following decades. The collection and analysis of the data was based on instruments that generate Affective Maps, a method developed by Bomfim (2010) which enabled us to capture the feelings and emotions of the study subjects in their day-to-day relationship with the urban environment. The results of the person-environment interaction study, with a focus on Affectivity, raised issues related to the feelings and emotions of residents living in the vicinity of the Riacho Pajeú, which indicate the need for interdisciplinary research which includes Environmental Psychology, especially in the urban planning diagnosis stage.

Keywords: Urbanism. Environmental Psychology. Interdisciplinarity. Affectivity.

Nenhum objeto científico parece solicitar a colaboração entre tantas disciplinas quanto a cidade. A necessidade de agregar novas epistemologias e saberes ao milenar *savoir faire* arquitetônico de idealizar e produzir espaços, seguiu o próprio curso do desenvolvimento histórico das ciências.

Ao propormos o diálogo interdisciplinar entre a Psicologia Ambiental e as técnicas de leitura do espaço urbano oriundas do urbanismo, tínhamos em vista o atribulado processo histórico-cultural que engendrou a atual (ou atuais) grade(s) multidisciplinar(es) do Planejamento Urbano.

Bresciani (2002) aponta para um roteiro de fatores socioculturais e políticos que determinaram definitivamente a forma de se abordar e intervir no espaço urbano.

Alguns destes fatores seriam fundamentais para a projeção das futuras cidades em decorrência da revolução industrial que se avizinhava. A descoberta da circulação sanguínea, proporcionada por Harvey em 1628, por exemplo, inspirou construtores e reformadores para que passassem a conceber a cidade como um sistema de veias e artérias no qual a circulação deveria possibilitar a maior liberdade possível do fluxo de pessoas e mercadorias, além de disponibilizarem amplo consumo de oxigênio (Sennett, 2010 ; Bresciani, 2002).

Nos tratados de economia de Adam Smith, principalmente em “A Riqueza das Nações” (1776), estão contidas as sementes que fariam parte do ideário de representações estéticas e filantrópicas sobre a pobreza, tão propagadas pelo século XIX. Os filantropos e literatos contribuíram decisivamente para uma compreensão mais abrangente dos problemas urbanos inserindo, pela primeira vez, a questão social como pano de fundo dos entraves encontrados na cidade industrial.

Preocupados com o aumento exponencial da pobreza, a prática da filantropia estava embasada na noção científica de que a pobreza não era desígnio divino ou algo inserido na ordem natural do mundo. Estes pesquisadores forneceram subsídios estratégicos cada vez mais detalhados para aqueles que queriam intervir no ambiente urbano.

Romancistas de peso como Balzac, Victor Hugo, Emile Zolá e Charles Dickens foram grandes colaboradores dos filantropos. Unindo forças com os jornalistas e pesquisadores sociais da época, forneceram elementos importantes para formulação das questões sociais. Os germes do que hoje se entende por cidadania teria surgido do estreito vínculo da *cultura popular* (destaque da autora) com as investigações filantrópicas (Bresciani, 2002).

As condições históricas e culturais determinam, portanto, até que ponto os saberes sobre as cidades podem ou não colarem-se ao discurso e à ação interventora que operam transformações na estrutura urbana e social. Os ares positivistas e confiantes vividos na Europa do século XIX possibilitaram que as descobertas científicas fossem, de certa forma, quase todas agregadas ao corpo disciplinar do urbanismo sanitário.

Este sentimento de otimismo generalizado na tecnologia e nas descobertas científicas perduraria ainda até o início da Segunda Guerra quando o urbanismo moderno assumiria o status de Ciência do objeto cidade, embora já houvesse controvérsias quanto aos quatro princípios funcionais (habitar, trabalhar, recrear e circular) dogmatizados pela Carta de Atenas. Historiador, sociólogo e colaborador do movimento moderno, Mumford perguntava-se sobre as funções políticas, educacionais e culturais da cidade e considerava a omissão destas funções como o maior defeito do planejamento urbano cotidiano. (Rodríguez et Segre, 2008).

Após a Segunda Grande Guerra, os princípios e os temas funcionalistas do urbanismo moderno, apesar de passarem a ser firmemente questionados pela nova geração que compunha os CIAM¹ (Rodríguez et Segre, 2008), perduraram e inspiraram o instituto do zoneamento até praticamente os dias atuais.

No bojo das críticas à noção funcionalista idealizada pelo urbanismo moderno, cabe destacar a abordagem vitalista de Jane Jacobs. A autora defende que o meio construído poderia agir sobre o psiquismo humano tanto com poder de agressão como por capacidade de promover a integração, relação que ainda não havia sido suficiente considerada na década de 60 (Choay, 2005). “O pseudoplanejamento urbano implacável, simplista e o pseudodesenho urbano que temos atualmente é uma forma de desconstruir cidades” (Jacobs, 2009, p. 454).

Jacobs (2009) defendia o uso diversificado nas cidades, pois só este ofereceria o alicerce fundamental para a economia, para vitalidade social e magnetismo urbano. Outra grande novidade em suas concepções de cidade diz respeito à associação da população ao processo de planejamento, ideia que só seria incorporada aqui no Brasil a partir dos anos 90, oriunda da pressão dos movimentos sociais pela reforma urbana.

Quase concomitante à publicação da famosa obra de Jacobs, Kevin Lynch desenvolveu sua abordagem psicológico-comportamental partindo da sintaxe da morfologia urbana como fator ressonante no comportamento humano. Abandonando a ideia de planejamento como modelo de intervenção apriorística, Lynch vai buscar, no ponto de vista do habitante da cidade – numa condição a posteriori –, uma metodologia fundamentada na psicologia experimental e no questionário, capaz de tornar o usuário da cidade em ponto de interlocução para o planejador urbano. (Choay, 2005).

A Psicologia Ambiental vai também surgir das profundas contradições estabelecidas no capitalismo tardio do pós-guerra. A facilidade de aquisição aos bens materiais de consumo duráveis, a partir dos anos 50, desencadearam a produção industrial numa escala jamais vista. Este fato gerou profundas repercussões para o equilíbrio dos processos ecológicos, notadamente no meio urbano, pois as cidades também se viram invadidas por enormes contingentes popu-

1. Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna

lacionais advindos do campo em busca de melhores oportunidades de vida. Parafraseando Leff (2006) é nesse contexto produtivo que a Psicologia Ambiental surge como um sintoma da racionalização produtiva ocidental.

Nosso objetivo, neste artigo, é discutir a Afetividade em área de reabilitação de espaço urbano, tomando como referência os sentimentos e emoções dos moradores do Centro Histórico de Fortaleza-CE, especificamente daqueles que habitam no entorno do Riacho Pajeú.

Nosso artigo, a partir daqui, divide-se em três partes: uma breve exposição histórica de alguns dos planos propostos para Fortaleza no século XX e que dentro de seus preceitos urbanísticos para o Centro propuseram a intervenção do entorno do Riacho Pajeú; os conceitos e categorias da psicologia ambiental juntamente com os parâmetros técnicos que trabalhamos dentro do urbanismo para avaliação socioambiental da área; a forma como articulamos essa colaboração e os resultados encontrados em nossa pesquisa e por fim a conclusão.

Os planos para Fortaleza e a retomada simbólica do Riacho Pajeú

Até meados do século XIX havia uma vontade manifesta de expandir a cidade para o leste, para além do Riacho Pajeú, até então o fator limitante ao crescimento de Fortaleza.

As dificuldades de ultrapassagem do Riacho Pajeú a partir da zona central haviam finalmente sido superadas por um ajuste proposto pelo engenheiro Adolpho Herbster em 1875, que ampliou a malha da zona antiga à parte sudeste da cidade, ali onde o relevo não mostrava empecilhos à expansão da cidade (Castro, 1994).

Com o sistema de bulevares traçados por Herbster, e que até hoje emolduram o nosso centro histórico, estariam sanados os entraves aos projetos expansionistas da cidade que crescia ao toque da economia algodoeira de exportação.

A “Planta Exacta da Capital”, a primeira a ser elaborada por Herbster, de 1859, dá uma mostra das condições ambientais do riacho, ainda praticamente livre das intervenções urbanas. Numa tentativa de representação do sistema ecológico (Costa, 2009), vemos que Herbster inclui também as vias de acesso à cidade, a denominação dos logradouros públicos e o registro de todo equipamento público e privado existente [figura 1].

Entre os anos de 1931 e 1932, o arruamento do setor leste proposto por Herbster já se verifica representado na “Planta Cadastral da Cidade de Fortaleza” (Fernandes, 2004) portanto, boa parte do riacho já corria canalizado por baixo de vias e quadras, expondo-se em alguns sítios onde não havia construção.

Até praticamente a década de 70, poucos são os registros históricos que informam as transformações ambientais pelas quais passaram este riacho. Logicamente, podemos inferir que os problemas do entorno do Pajeú, como um todo, devem ter de fato começado a se agravar no período de ocupação intensa do setor leste da cidade, verificado a partir das décadas de 40 e 50 (Ponte, 1993).

A década de 30 irá representar um marco na expansão urbana de Fortaleza. Além da área projetada por Herbster em 1875 encontrar-se totalmente ocupada, verifica-se o crescimento desordenado ao longo dos eixos de ligação da capital com o interior. Agravando mais ainda o quadro, a seca de 1932 propiciará o aumento exorbitante do fluxo migratório para capital cearense (Fernandes, 2004).

Com o agravamento da questão agrária, levas de trabalhadores do meio rural também migram para Fortaleza passando a ocupar a faixa litorânea e as dunas, áreas desprezadas pela população de mais alta renda. Estes segmentos sociais viviam da exploração da pesca ou ocupavam-se na indústria, no comércio ou na prestação de serviços. Por outro lado, os setores de mais alta renda, buscando fugir da proximidade das favelas e do incômodo de morar perto das indústrias, começavam a migrar da Jacarecanga para o setor ao leste do Riacho Pajeú.

A Aldeota era então um extenso areal e sua ocupação pelas classes mais abastadas já começava a evidenciar (na década de 30) o processo de diferenciação espacial e segregação residencial de Fortaleza (Ponte, 1993 ; Costa, 2009).

Diante dessa expansão que prenuncia o caráter de um desenvolvimento desordenado, a administração municipal, sob o comando de Raimundo Girão, contratará o urbanista Nestor de Figueiredo que elaboraria – em 1933 – o “Plano de Remodelação e Extensão de Fortaleza”. Este plano incluiu a primeira proposta de zoneamento para a cidade de Fortaleza e foi elaborado sob a égide do urbanismo moderno propagado por Le Corbusier (Costa, 2009).

Após o Plano Nestor de Figueiredo, a cidade conheceu mais outras seis proposições urbanísticas: o “Plano Diretor para Remodelação e Extensão da Cidade de Fortaleza”, de autoria do engenheiro e urbanista Saboya Ribeiro, elaborado em 1947; o “Plano Diretor da Cidade de Fortaleza, elaborado pelo urbanista Hélio Modesto em 1963; o “Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza” – PLANDIRF, elaborado pelo consórcio SERETE S.A., S.S. Consultoria e Jorge Wilhelm Arquitetos Associados entre os anos de 1969 e 1971; o “Plano Diretor Físico” de 1975, elaborado no âmbito da CODEF (Coordenadoria de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza), o “Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza – PDDU – FOR de 1996 (Fernandes, 2004) e o “Plano de Reabilitação Habitacional para Área Central de Fortaleza”, previsto pelo “Plano Diretor Participativo de Fortaleza” PDP-FOR desde 2009.

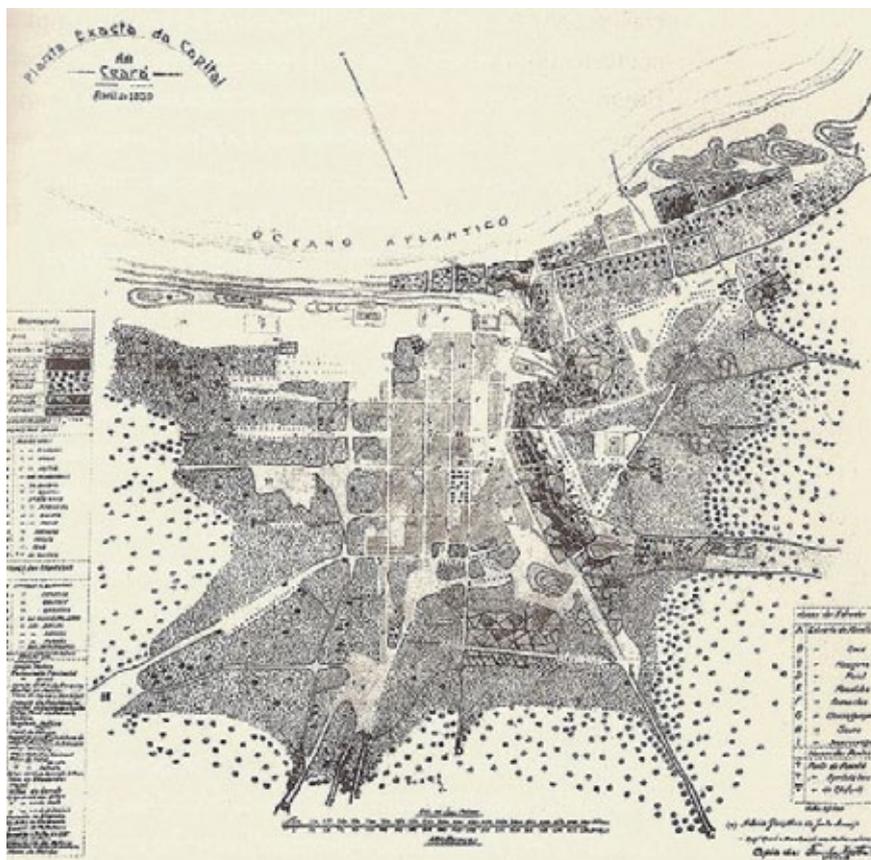
Reabilitação de espaço urbano e Afetividade: estudo de Psicologia Ambiental com moradores de área contemplada pelo Plano de Reabilitação Habitacional do centro histórico de Fortaleza-CE

The rehabilitation of urban space and Affectivity: an Environmental Psychology study about residents of the area covered by the Housing Rehabilitation Plan of the historic center in Fortaleza-CE

Figura 1

Planta exata da Cidade de Fortaleza e Subúrbios

Fonte: disponível em:
<www.pt.wikipedia.org/wiki/fortaleza>



Alguns destes planos, especialmente aqueles elaborados por Saboya Ribeiro (1947) e Hélio Modesto (1963), diante do processo de obsolescência da estrutura, desvalorização e consequente abandono da área central de Fortaleza, propuseram em suas diretrizes determinado conjunto de ações voltadas para a recuperação desta região emblemática para a identidade da cidade, visando adequá-lo às novas condições do desenvolvimento urbano de seus respectivos contextos. Dentre várias diretrizes de intervenção propostas para área central, ambos os planos contemplaram a recuperação urbana e ambiental do Riacho Pajeú pelo reconhecimento do seu potencial paisagístico, urbano e simbólico como fator de requalificação para a zona Central da cidade (Sales, 1996).

O urbanista Saboya Ribeiro defendia que a municipalidade deveria fomentar o preenchimento dos vazios urbanos de então, pois tal medida, resultaria na otimização dos deslocamentos e ordenamento sistemático da expansão urbana. Diagnosticando as condições precárias de pavimentação e transportes públicos em detrimento do uso cada vez maior do automóvel, a estrutura do sistema viário era tomada por Ribeiro, como a grande ossatura do Plano Diretor.

A inserção do entorno Pajeú no circuito econômico da cidade, a partir de sua articulação com o centro comercial, o tratamento paisagístico e a ideia de destiná-lo funcionalmente à formação de um Centro cívico, buscavam portanto cumprir a

um programa de modernização da cidade visando, principalmente, a otimização dos fluxos mecanizados e o ordenamento territorial (Fernandes, 2004).

Estas ideias seriam retomadas com mais profundidade dezesseis anos depois, no Plano Hélio Modesto (1963), que previa também para as imediações do grande parque cívico administrativo, a disponibilização de áreas voltadas para iniciativa privada que viessem a dar sustentabilidade ao uso do parque e incrementassem o dinamismo do Centro da cidade através da implementação de usos comerciais e de serviços como hotéis, edifícios de escritórios, teatros e habitações multifamiliares.

Percebe-se, também, que a preservação ambiental do riacho e de suas margens são preocupações marcantes no plano de Modesto. Ao defender o uso público, o faz em troca da retirada de atividades inadequadas, além do mais, propõe a implantação de uma via paisagística acompanhando o leito do riacho como forma de demarcar os limites de preservação e refrear os ímpetus de apropriação da iniciativa privada (Fernandes, 2004).

Tanto o plano Saboya Ribeiro (de 1947) quanto plano Hélio Modesto (de 1963) estão compreendidos no período histórico do planejamento urbano brasileiro que Villaça (1999) tipifica como a fase do urbanismo.

Todo o pensamento urbanístico produzido pelos socialistas utópicos (Owen ou Fourier) e pelos tecnocratas, como Ebenezer Howard, Le Corbusier, Agache, Doxiaids, ou pela Carta de Atenas que veio a nutrir a ideologia do plano diretor, todo esse pensamento baseia-se na crença de que na ciência (o diagnóstico e o prognóstico científicos) e na técnica (o plano diretor) é que estava a chave da solução dos ditos “problemas urbanos” (Villaça, 1999, p. 187).

As propostas atuais de requalificação do Centro Histórico

As políticas de reabilitação atuais, muito diferentes das propostas de renovação urbana de sítios históricos, apregoadas pelo modelo “para-turista-ver” do planejamento estratégico, consistem num processo de recuperação e reapropriação, pelos cidadãos, de áreas já consolidadas da cidade. Estas iniciativas dependem de um conjunto de ações que possam garantir a utilização sustentável dessas áreas consolidadas de forma a disponibilizar o estoque imobiliário afim de atender a demanda habitacional emergente no país. A política de reabilitação urbana deverá, dessa forma, promover a diversidade de usos e de atividades voltadas para o desenvolvimento urbano, social e econômico, aproveitando a reutilização de edificações ociosas, de áreas vazias ou abandonadas, subutilizadas ou insalubres, bem como na melhoria da infraestrutura, dos equipamentos e dos serviços urbanos (Rolnik; Botler, 2005).

O Plano de Reabilitação Habitacional da Área Central de Fortaleza (2009), retoma a ideia de intervenção do entorno do Riacho Pajeú quarenta e seis anos após as propostas de Hélio Modesto. A desconsideração histórica com o Riacho Pajeú, bem como a concentração de usos inadequados como a atividade do comércio atacadista, estão dentre os principais fatores de degradação ambiental do centro antigo fortalezense. O plano considera que a concentração significativa de equipamentos e espaços públicos e as possibilidades de articulação com os setores mais significativos da cidade, somados à vocação institucional e simbólica do entorno, constituem fortes elementos para o processo de reabilitação da área central. Para isso, propõe as seguintes diretrizes:

- Explorar e melhorar as diversas articulações entre os setores de modo a abrir caminhos para os pedestres, para fruição da paisagem construída e natural. Estes caminhos devem ser reformados e adaptados, principalmente, adequando as condições de trafegabilidade através da melhoria da pavimentação e das calçadas;
- Estabelecer um conjunto de espaços vazios e abri-los para o público junto às margens do Riacho Pajeú no sentido de reincorporá-lo à paisagem da cidade;
- Recuperar os espaços abertos, praças e equipamentos públicos existentes, integrando-os ao circuito proposto;
- Estabelecer ações de atendimento habitacional com relação a:
 - a) Urbanização e regularização da favela do Poço da Draga (local onde o Pajeú deságua no mar);
 - b) Identificação de edifícios vazios ou subutilizados com maior potencial de reutilização;
 - c) Identificação e elaboração de programa de atendimento para melhoria de cortiços existente no setor.

Segundo o Plano, a visão de futuro que estas diretrizes apontam é para um setor de clara identidade formada pelos elementos naturais, arquitetônicos e históricos. Esta identidade é compartilhada pelos moradores e frequentadores, quer seja pelo lazer contemplativo ou pelos usos diversificados de seus espaços públicos restaurados e abertos ao público em geral².

Não restam dúvidas de que, no campo discursivo, os planos participativos atingiram um patamar inédito não só para história do planejamento urbano brasileiro. O processo inclusivo de elaboração é apenas uma pequena parcela das grandes promessas dessa nova fase do planejamento brasileiro que apontam para profundas transformações sociais, principalmente no campo de gestão das cidades.

2. Plano de Reabilitação Habitacional da Área Central de Fortaleza (2009) produto 12

Um olhar diferente e colaborativo

Estudiosos da história e teorias da Psicologia Ambiental, Aragonés e Amérigo (2010) assim definem esta jovem disciplina: “(...) la disciplina que estudia las relaciones recíprocas entre la conducta de las personas y el ambiente sociofísico tanto natural como construído”(Aragonés e Amérigo, 2010, p. 24).

Antes de adentrarmos especificamente nas investigações que empreendemos recentemente com moradores do Centro, é mister que compreendamos alguns dos princípios básicos da Psicologia Ambiental. Vamos pelo menos a três deles que caracterizaram a especificidade de nossa pesquisa:

- Estuda as relações entre a conduta e o ambiente, considerando este a partir de uma perspectiva holística, isto é, da forma como as pessoas o experimentam na vida cotidiana; dessa forma, presta-se mais atenção à relação entre os elementos como unidades de análises do que a seus componentes separadamente.
- A investigação realiza-se, principalmente, através de trabalhos de campo no ambiente natural e com uma metodologia eclética, adaptada à natureza das variáveis, recorrendo, segundo as situações, a desenhos seletivos com enfoque qualitativo ou quantitativo, a desenhos quase experimentais e, em menor medida, aos experimentais.
- Existem muitas disciplinas interessadas no estudo das relações entre pessoa e ambiente, ensejando uma ampla participação da Psicologia Ambiental com o campo interdisciplinar. Portanto, é frequente observar numerosos aportes, conceitos e leis de outras disciplinas, tais como a Geografia, Biologia, Arquitetura, Urbanismo etc. (Aragonés e Amérigo, 2010).

Um conceito caro à Psicologia Ambiental é o de *Apropriação*. Segundo Korosec (apud Pol, 1996) o termo *Apropriação* é usado para significar um processo complexo que se define por algumas das considerações que aqui expomos:

- Toda *Apropriação* é um processo, um fenômeno temporal. Portanto, haverá que se considerar as mudanças do sujeito no tempo, não somente as mudanças de objeto, ou de espaço.
- A *Apropriação* é um processo dinâmico de interação do indivíduo (vivência interiorizada, subjetiva) com seu meio externo.

Na prática cotidiana, a criação de um espaço coletivo tem, historicamente, uma dupla origem: a criação social e espontânea de novos espaços por parte da população usuária e o planejamento ou ação intencional de quem tem o poder sobre as transformações do entorno (Pol; Valera, 1996).

O constructo que ambos definem por *Simbolismo a Priori* é justificado cada vez que o poder governamental modifica a qualidade do espaço na intenção de confirmar ou trazer novos significados para seus usuários. No entanto, o teor

ou a importância dessas mudanças que o executor público julga como estruturantes para a qualidade de vida do cidadão pode, ao contrário – se for uma intervenção desastrosa do ponto de vista cultural –, ser ignorada e até mesmo rechaçada pela população. Por outro lado, existem configurações espaciais consideradas anódinas, vistas muitas vezes com desconfiança pelo olhar estrangeiro, que guardam em seus usuários sentimentos de pertença e profunda identidade cultural. Nessas relações de pertença com o entorno em que o tempo é fundamental para a construção da identidade com o lugar (Proshanski apud Pol, 1996), ocorrem autênticas apropriações do espaço. A esse tipo de apropriação simbólica do espaço, Pol e Valera (1994) nomeiam de *Simbolismo a Posteriori*.

Aqui nos utilizamos do conceito de *Apropriação* de lugar pela pertinência direta que este tema suscita às questões da intervenção urbana. Pudemos perceber, em nossa investigação, o quanto boa parte dos moradores do Centro encontram na casa o último refúgio aos problemas que o bairro lhes impõe.

A parte qualitativa da pesquisa identificou, até com relativa frequência, o sentimento de identificação simbólica com o lugar, porém as condições de insegurança, [figura 2] percebidas pelos moradores, sugerem que esta identificação pouco provavelmente descambe para o que Pol (1996) identifica como uma situação de ação-transformação³ com o entorno.

Entorno do Pajeú: sentimentos e escalas

A psicologia social de cunho histórico-cultural de Vygotski foi o marco teórico que guiou nossa recente pesquisa em Psicologia Ambiental. Esta proposta epistemológica orientou-nos na investigação dos processos afetivos que envolvem a relação pessoa x ambiente dos habitantes do Centro com o seu entorno de moradia. Essa teoria é comumente aceita pela psicologia ambiental.

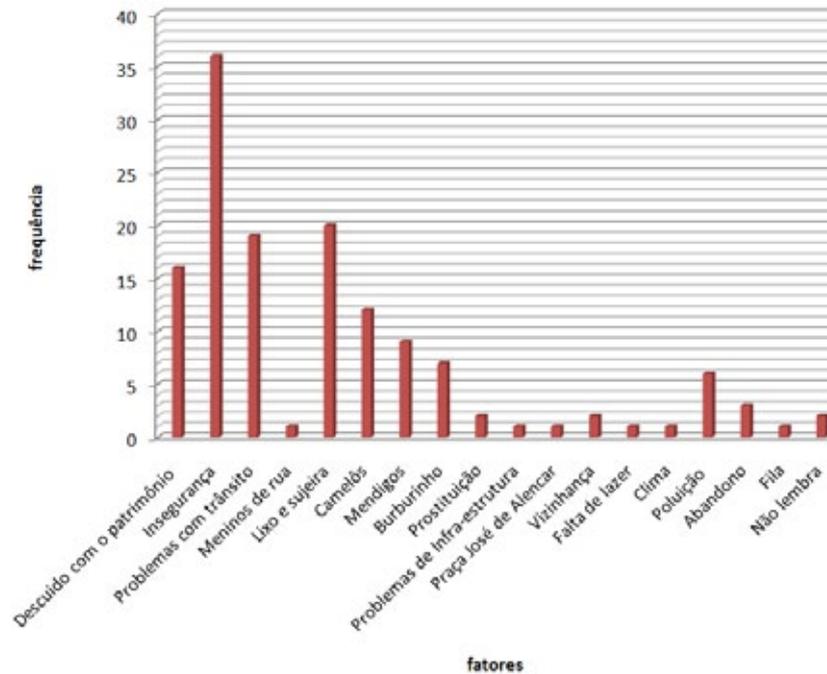
O comportamento humano, relativamente a um dado contexto físico, é duradouro, consistente no tempo e de situação para situação; desta forma, podem ser identificados padrões característicos de comportamento para esse contexto físico (Ittelson et al. apud Soczka, 2005, p. 65).

3. Este componente está diretamente relacionado a uma clara conduta territorial, ou seja, tanto pode expressar-se pelo comportamento mais primário de marcação de território, até a ocupação territorial mais complexa. O ser humano pode adquirir altas cotas de sofisticação quando projeta, transforma um objeto, espaço ou realidade, direta ou remotamente Pol (1996).

Figura 2

Gráfico que representa o que o sujeito não gosta no Centro

Fonte: Banco de dados do autor (2012)



Com base nessa teoria, estabelecemos a hipótese de que a heterogeneidade socioambiental do Centro histórico desenvolve diferenças qualitativas sobre o comportamento e os afetos de seus moradores.

O conceito de *Afetividade*, elaborado por Sawaia (2004), é tomado da Psicologia Social e é definido pela autora como a tonalidade e a cor emocional que impregna a existência do ser humano e se apresenta como: 1) sentimento: reações moderadas de prazer e desprazer, que não se refere a objetos específicos. 2) Emoção: fenômeno afetivo intenso, breve e centrado em fenômenos que interrompem o fluxo normal da conduta.

Este constructo, inspirado a partir da teoria histórico cultural de Vygotski, da ontologia de Espinosa e da teoria dos sentimentos da filósofa alemã Agnes Heller, norteou a tese de Bomfim (2010) sobre a *Afetividade* de estudantes de São Paulo e Barcelona. Esta investigação resultou na elaboração dos instrumentos geradores dos Mapas Afetivos. Esta metodologia segue um roteiro que visa apreender os afetos através de um encadeamento de questões que buscam integrar os aspectos cognitivos e afetivos experimentados pelos sujeitos em suas interações sociofísicas com o espaço.

A análise do instrumento resulta numa elaboração de síntese [figura 3] das partes significantes registradas em: a) desenhos; b) significações dos mesmos (feita pelo próprio sujeito); c) sentimentos que o desenho desperta; d) síntese (em seis palavras) do que desenho, significações e sentimentos despertam; e) e por último a metáfora. Todas estas etapas são tarefas que ficam a cargo do sujeito. O investigador entra ao final com a análise do sentido.

Na realização do pré-teste para o estabelecimento das categorias afetivas da escala Likert (a parte que possibilita uma análise estatística complementar à pesquisa) conseguimos identificar – pelas respostas encontradas – seis imagens afetivas, a saber: *Pertencimento*, *Contraste*, *Atração*, *Destruição*, *Agradabilidade* e *Insegurança*.

Cada imagem desta representa um conjunto de valores específicos que dizem respeito ao modo como o sujeito percebe, significa e sente o espaço de suas experiências.

Identificação	Desenho	Significado	Qualidade		Metáfora	Sentido
Código	Estrutural: Mapas Cognitivos de Lynch (vias, marcos, pontos nodais, limites e bairros)	Explicação do desenho dada pelo próprio sujeito.	Atributos do desenho e do Centro apontados pelo respondente.	Expressão afetiva do respondente ao desenho e ao Centro.	Comparação do Centro com algo pelo respondente, que tem a função a elaboração das metáforas.	Interpretação dada pelo investigador a partir da articulação das qualidades e sentimentos e metáforas atribuídas ao Centro.
Sexo						
Idade	Metafórico: desenho que expressa por analogia o estado de ânimo ou o sentimento do sujeito.					
Renda fam.						
Situação lab.						
Tempo de moradia						
Tipologia residencial						
Grau de instrução						

Figura 2

Modelo do Mapa Afetivo utilizado na pesquisa

Fonte: Banco de dados do autor (2012)

Assim, a imagem de **Pertencimento** é gerada por sentimentos de amizade, amor, conhecimento, respeito, etc. Na imagem de **Contraste**, sentimentos e percepções revelam-se contraditórios e, às vezes, mutuamente excluídos: felicidade, ladrão, religião, poluição etc. Já na imagem **Atração**, destacam-se certas percepções utilitárias oferecidas pelo lugar, como a comodidade, a proximidade, a economia de tempo, o comércio etc. A imagem de **Destruição** talvez seja uma das mais expressivas no quesito sentimento: raiva, indignação, nojo, tristeza estão dentre alguns mais repetidos. A imagem de **Agradabilidade** geralmente está vinculada a percepções físicas do lugar tais como a tranquilidade, o bem-estar, a ventilação, a presença do verde. A imagem **Insegurança** vincula-se a sentimentos e percepções de medo, violência, assaltos, abandono etc.

O resultado final dos Mapas Afetivos [figura 3], localizado no quadro “sentido”, aponta para uma das imagens afetivas.

Bomfim (2010) denomina por *Estima de Lugar* o resultado de percepções, representações, visões de mundo, e outras formas de categorias sociais geradas pelos sentimentos e emoções dos sujeitos em suas vivências com os lugares.

Reabilitação de espaço urbano e Afetividade: estudo de Psicologia Ambiental com moradores de área contemplada pelo Plano de Reabilitação Habitacional do centro histórico de Fortaleza-CE

The rehabilitation of urban space and Affectivity: an Environmental Psychology study about residents of the area covered by the Housing Rehabilitation Plan of the historic center in Fortaleza-CE

Entretanto, a análise que revela ou aponta a *Estima de Lugar* do sujeito resultou em informações que cruzamos com outra pesquisa de campo, desta vez executada pelo diagnóstico socioambiental do centro histórico da cidade.

Para colaboração interdisciplinar com os Mapas Afetivos, tão importante quanto a apreensão dos afetos dos sujeitos nos entornos onde estes habitam, foram as análises técnicas que definiram as características socioambientais de cada área.

Figura 3

Mapa Afetivo de sujeito residente no Entorno 1 (entorno do Pajeú)

Fonte: Banco de dados do autor (2012)



O centro *shopping center* é aquele cuja imagem de **Pertencimento** encontra-se sentimentos de afeto, amizade, tradição, natureza e segurança despertando nos sujeito o carinho pelo centro e pelos vizinhos que ajudam o mesmo

SUJEITO	ESTRUTURA	SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
N - 1ME1C Sexo Masculino Idade 40 anos Renda Familiar + de 5 salários mínimos Situação Laboral Autônomo Tempo de Moradia 07 anos Tipologia da moradia Residência Unifamiliar Grau de Instrução Superior incompleto	Metafórica O símbolo do coração envolvendo o que seria a quadra e o entorno onde ele mora.	Um quarteirão de pessoas que cuidam e vivem próximas a quase tudo que precisam.	Afeto, cuidado, amizade, tradição, natureza e segurança.	Carinho pelo Centro e pelos vizinhos que nos ajudam.	Shopping Center.

A investigação de campo resultou num diagnóstico que dividiu, metodologicamente, o centro em quatro regiões [figura 4] – em função do uso habitacional – com características socioambientais relativamente distintas.

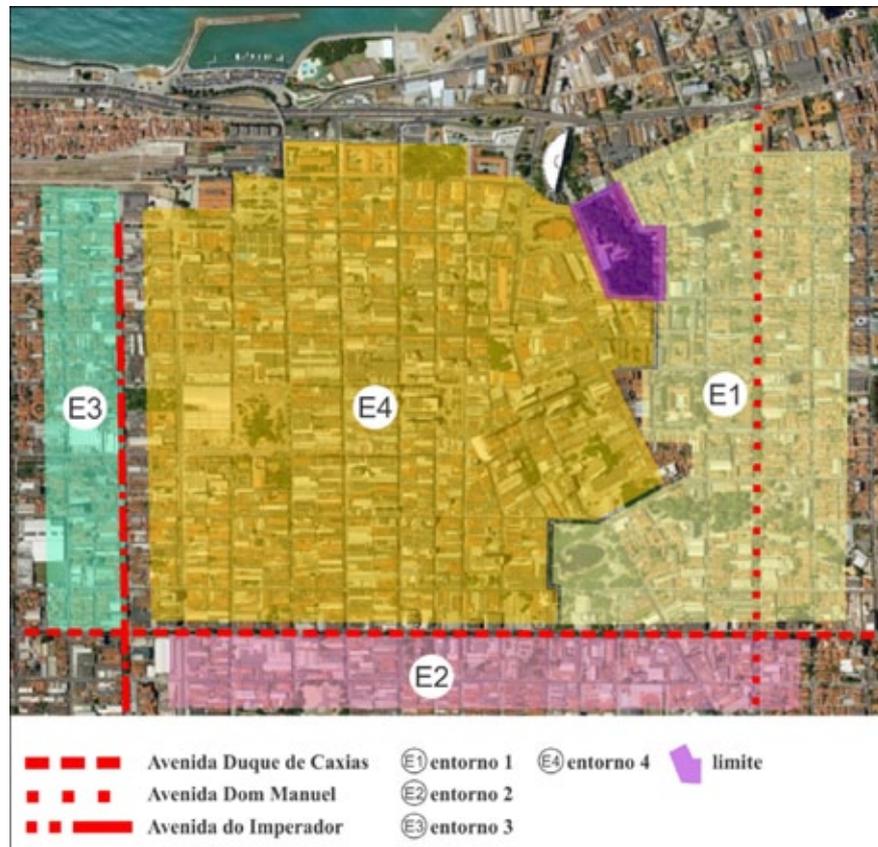
Dentro da escala urbana geral do Centro, estes entornos representam sub-escalas com especificidades urbanas e sociais basicamente diferenciadas pela diversidade de usos do solo e dinâmica do sistema viário que apresentam.

Realizado o diagnóstico socioambiental, passamos a articular os dados e características das áreas aos resultados encontrados na análise dos Mapas Afetivos.

Figura 4

Entornos do centro histórico

Fonte: banco de dados do autor (2012)



A análise qualitativa do entorno do Pajeú, como todos os demais entornos do centro, apresentou Estima de Lugar negativa. Entretanto, foi o único setor em que as seis categorias afetivas foram registradas, confirmando as propriedades heterogêneas de sua estrutura sociourbana e ambiental.

Ao contrário de outros entornos onde a imagem de **Destruição** desponta claramente sobre as demais, a presença relativamente equilibrada entre as imagens de **Pertencimento** (02), **Contraste** (04) e **Destruição** (03) são indicativas da situação diferenciada deste entorno. A presença de usos historicamente inadequados como a atividade comercial atacadista, pelo transtorno que vem causando há muitos anos na região, constitui-se num dos fortes fatores geradores de imagens negativas.

Contudo, a análise estatística complementar dos Mapas Afetivos demonstrou haver correlação significativa entre o entorno do Pajeú e as imagens de **Pertencimento** [figura 5] e **Agradabilidade**, o que, de certa forma, confirma a grande vantagem – percebida pelos moradores – de residir numa região do centro que possibilita, além das atrações propriamente relativas ao consumo, a oportunidade de fruição de símbolos históricos e culturais que se mesclam à boa presença de parques e praças, o que, de certa forma, justifica a correlação significativa com a imagem de **Agradabilidade** [figura 6].

Figura 5

Relação faixa etária x nível de pertencimento

Fonte: Banco de dados do autor (2012)

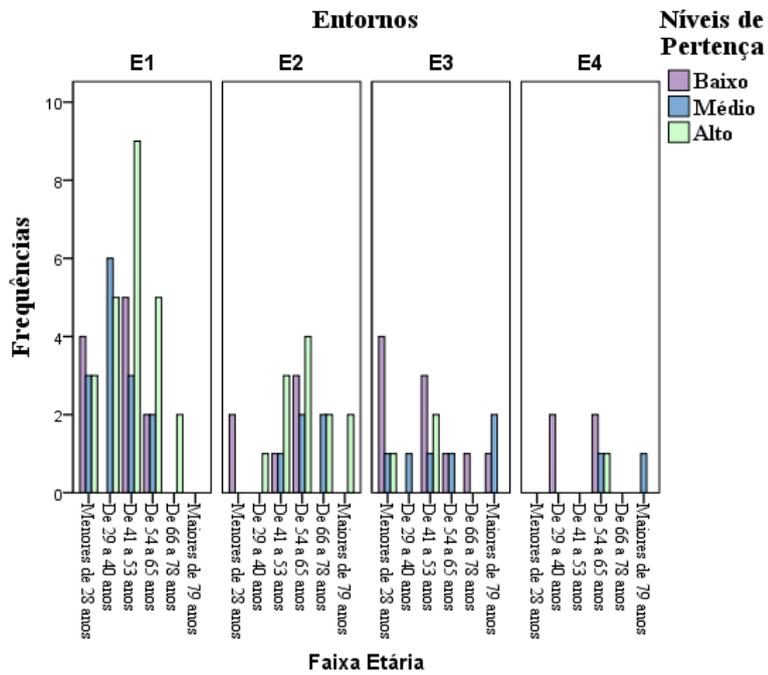


Figura 6

Relação faixa etária x nível de agradabilidade

Fonte: Banco de dados do autor (2012)

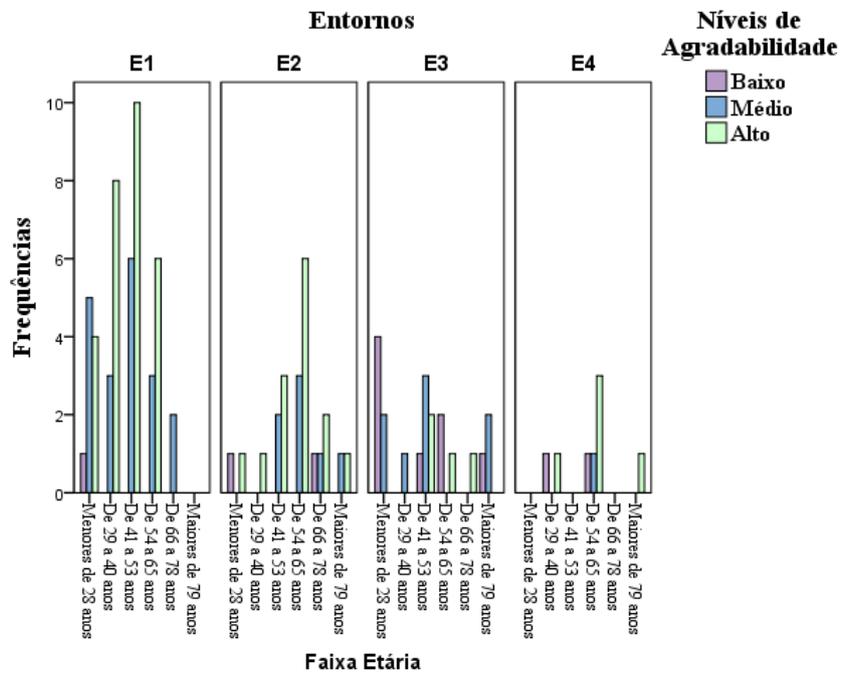
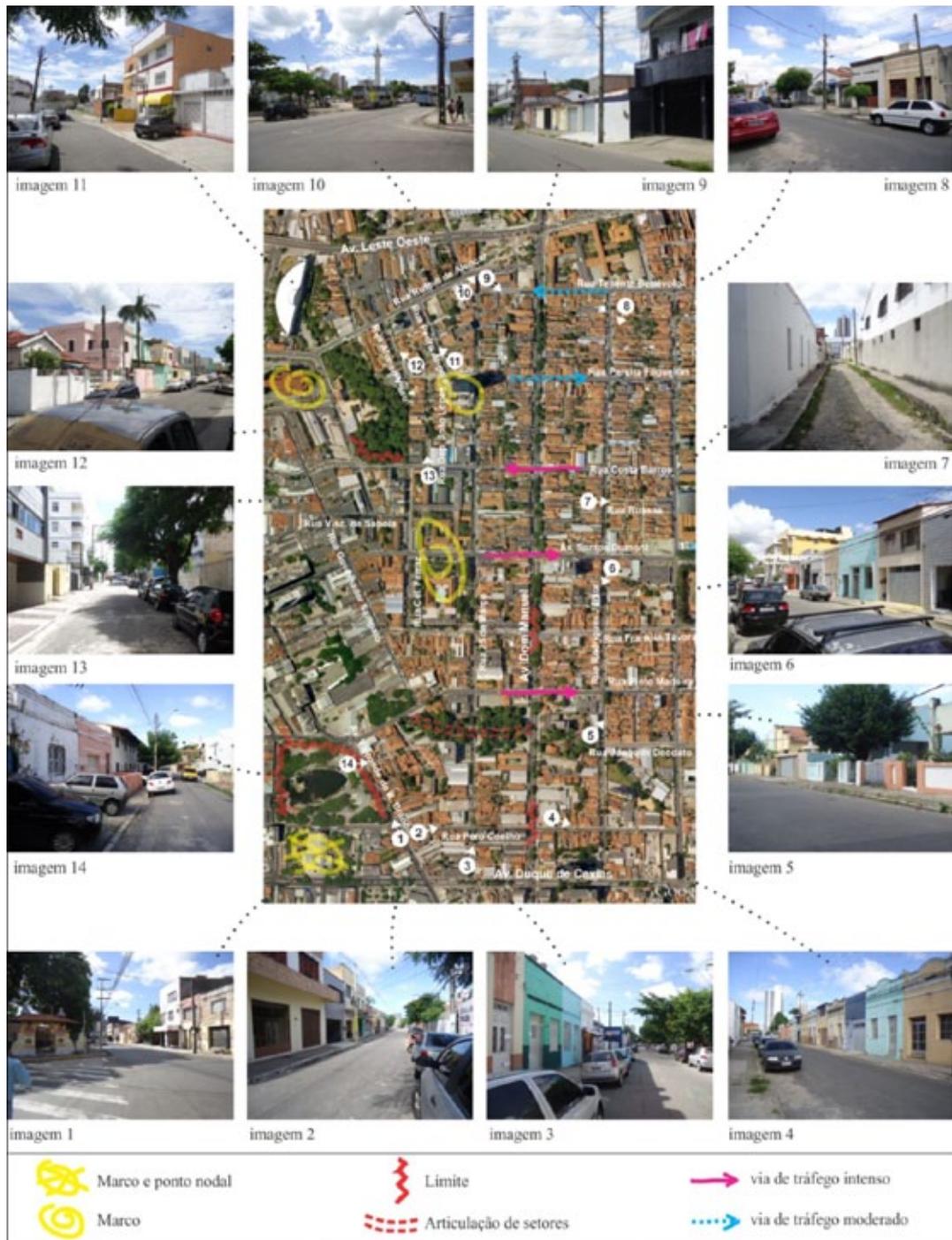


Figura 7
Entorno do Pajeú
Fonte: Banco de dados do autor

Como se pode ver na legenda abaixo [figura 7], nos utilizamos de alguns dos elementos desenvolvidos por Lynch (1997) para identificar a sintaxe urbana. Em nosso caso, estes elementos foram em parte identificados e percebidos pelos sujeitos em seus percursos diários e em parte registrados pelo autor no processo de diagnóstico sócio ambiental dos entornos.



Considerações Finais

Os resultados do estudo interação pessoa x ambiente, com enfoque da Afetividade, apresentaram questões relacionadas aos afetos (sentimentos e emoções) dos moradores do entorno do Riacho Pajeú que apontam para a necessidade de investigações interdisciplinares que incluam a Psicologia Ambiental, especialmente na fase de diagnóstico do planejamento urbano.

No desdobramento do estudo, percebe-se como uma conquista a existência de uma legislação federal que impõe a participação popular no processo de elaboração dos planos de reabilitação. Contudo, no que se refere ao modelo de participação, o planejamento ainda carece de abordagens e métodos que contemplem outras dimensões da experiência humana, principalmente aquelas que são desenvolvidas no (e com) o espaço. Falamos dos processos espontâneos de *Apropriação* do espaço que podem ou não gerar identidade urbana com o lugar, das trocas simbólicas de grande importância para a ancoragem do sujeito com o lugar, principalmente daqueles que possuem moradia no centro, da boa implicação com o lugar que resulta das relações afetivas com o mesmo. São questões caras aos habitantes da cidade e que foram identificadas em nossa investigação.

A possibilidade de atuar factivamente na construção de uma cidade mais justa e plural implica num exercício da cidadania no qual o aperfeiçoamento da abordagem participativa aponta ou sugere para outros modelos ou dimensões de atuação social.

Com este artigo, esperamos ter contribuído para que se reflita sobre essa possibilidade.

Referências

- ARAGONÉS, J.I ; AMÉRIGO, M. Psicologia Ambiental: Aspectos conceituales y Metodológicos. In: **Psicologia Ambiental**, Madrid: Ediciones Pirámide (Grupo Anaya S.A.), 1998, (pp. 20-34)
- BOMFIM, Z. A. **Cidade e Afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BRESCIANI, M. S. Cidade e História. In: OLIVEIRA, L. L. (Org.) **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- CASTRO, J. L. Contribuição de Adolpho Herbster à forma urbana da cidade de Fortaleza. In: V Congresso Brasileiro de História da Arte. 1993. Universidade de São Paulo. São Paulo. **Separata da Revista do Instituto Histórico do Ceará** 108/1994, Fortaleza.

Reabilitação de espaço urbano e Afetividade: estudo de Psicologia Ambiental com moradores de área contemplada pelo Plano de Reabilitação Habitacional do centro histórico de Fortaleza-CE

The rehabilitation of urban space and Affectivity: an Environmental Psychology study about residents of the area covered by the Housing Rehabilitation Plan of the historic center in Fortaleza-CE

COSTA, M. C. L. Planejamento e expansão urbana. In: DANTAS, E. ; COSTA, M. C. L. ; SILVA, J. B. **De Cidade a Metrópole: (Trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009, pp. 143-155.

CHOAY, F. **O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigues. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERNANDES, R.C. **Transformações Espaciais no Centro de Fortaleza: Estudo Crítico das Perspectivas de Renovação Urbana**. 237 pags. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2004.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo, SP 2ª Ed.: Martins Fontes, 2009.

LEFF, H. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Tradução: Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LYNCH, K. A. **A imagem da cidade**. Tradução: Jefferson Luíz Camargo, São Paulo: Martins Fontes, 1997

POL, E. La Apropiación Del Espacio. In: IÑIGUEZ, L. ; POL, E. (coord.) **Cognición, Representación y Apropiación del Espacio**. Barcelona: Publicacions Universit de Barcelona. Monografias Socioambientales, 1996.

PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Èpoque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860 – 1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.

SALES, J. A. M. **O desenho da cidade moderna em Fortaleza: um estudo dos planos Saboya Ribeiro e Hélio Modesto**. 167 pags. Dissertação (mestrado) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pernambuco. UFPE, 1996.

SAWAIA, B. B. O Sofrimento Ético-Político como Categoria de Análise da Dialética Exclusão/Inclusão In: SAWAIA, B. B. (Org.) **As Artimanhas da Exclusão – Análise psicossocial e ética FDA desigualdade social**. Petrópolis 5ª Ed: Editora Vozes. 2004, pp. 97 – 116.

SILVA, J. B. Formação socioterritorial urbana In: DANTAS, E. ; COSTA, M. C. L. ; SILVA, J. B. **De Cidade a Metrópole: (Trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: edições UFC. 2009. pp. 87-141.

SENNETT, R. **Carne e Pedra**. Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro 2ª edição: Bestbolso, 2010.

SOCZKA, Luis (Org.). **Contextos humanos e psicologia ambiental**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

VALERA, S. ; POL, E. Symbolisme de L'espace Public et Identité Sociale In: **El Concepto de Identidad Social Urbano: Una Aproximación entre la Psicología Social y la Psicología Ambiental**. Barcelona: Anuario de Psicología, n. 62. pp. 5-24, 1994.

Reabilitação de espaço urbano e Afetividade: estudo de Psicologia Ambiental com moradores de área contemplada pelo Plano de Reabilitação Habitacional do centro histórico de Fortaleza-CE

The rehabilitation of urban space and Affectivity: an Environmental Psychology study about residents of the area covered by the Housing Rehabilitation Plan of the historic center in Fortaleza-CE

VILLAÇA, F. Uma contribuição para história do planejamento urbano do Brasil. In: DEAK, C. ; SCHIFFER, S. R. (Orgs.) **O processo de urbanização do Brasil**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1999, pp. 171 – 241.

RODRIGUEZ, M. S. ; SEGRE, R. **Do Coração da Cidade – a Otterlo (1951-59): discussões transgressoras de ruptura, a semente das novas direções pós-CIAM**. Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

ROLNIK, R. ; BOTLER, M. Por uma política de reabilitação dos centros urbanos. **Revista Oculum** Campinas: PUC, 2008.